

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina



PA

CI



CCBB RIO
CCBB BRASÍLIA
CCBB SÃO PAULO

3 ABRIL — 6 MAIO 2024
2 JULHO — 4 AGOSTO 2024
6 JULHO — 18 AGOSTO 2024



NO

Banco do Brasil apresenta e patrocina *Pacino*, mostra inédita de uma das figuras mais marcantes do cinema, Al Pacino, que faz aniversário no mês da estreia da mostra no CCBB Rio de Janeiro.

Além de *O Poderoso Chefão* (1972, 1974 e 1990), *Perfume de Mulher* (1992) e *Scarface* (1983), principais sucessos do ator, a mostra exibirá filmes do início de sua carreira como *Os Viciados* (1971) até os mais recentes como *Era uma vez em... Hollywood* (2019). Em quase 60 anos de carreira, Al Pacino fez trabalhos significativos passando por estilos como naturalismo, importante para o cinema realista da década de 70, a interpretações mais expressivas que singularizaram o cinema norte-americano.

Ao realizar *Pacino*, o Centro Cultural Banco do Brasil apresenta ao público uma seleção de filmes de um dos maiores atores contemporâneos que marcaram gerações, reafirmando seu compromisso de ampliar a conexão dos brasileiros com a cultura.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL



AL PACINO, UMA IMAGEM, UMA VIDA

PAULO SANTOS LIMA

Nova-iorquino nascido a 25 de abril de 1940, Al Pacino é o maior ator do cinema moderno norte-americano. A afirmação é a mesma dada a Robert De Niro no texto de apresentação da mostra “De Niro”, curadoria minha realizada nas unidades do CCBB de Brasília e do Rio de Janeiro em 2019. A repetição não transtorna o comentário anterior e tampouco banaliza, como se fosse uma mera etiqueta, este de agora. Tal Robert De Niro, Al Pacino é uma virtuose da interpretação de cinema, pelo que faz em cena e pelo que sua imagem emana da tela. E o que de fato coloca esses dois gênios da atuação numa mesma linha de texto – e em duas mostras intituladas com seus nomes – é justamente eles serem a *finesse* do método de atuação moderna que singulariza o cinema norte-americano e, especialmente, habitarem um imaginário coletivo, serem referências transculturais.

Importante citar *Taxi Driver* (1976) e *O Poderoso Chefão II* (1974) como duas experiências que levaram a imagem de De Niro a um reconhecimento universal. No caso de Pacino, os dois primeiros *O Poderoso Chefão* (1972 e 1974), *Um Dia de Cão* (1975) e *Scarface* (1983) são as obras que melhor o colocaram em várias plagas e corações do mundo. Nos dois casos, os trabalhos daquela década de 1970 geraram cultos mais à frente, em filmes como *Os Bons Companheiros* (1990), para De Niro, e, para Pacino, *Perfume de Mulher* (1992), *Advogado do Diabo* (1997) e o há anos

desejado reencontro do público, *O Poderoso Chefão III* (1990), com o sempre fascinante Michael Corleone.

Em tempo, esses dois atores não são os únicos. Já havia Clark Gable e Vivien Leigh em *E o Vento Levou* (1939), Humphrey Bogart em *Casablanca* (1942), além das crias do citado Método Stanislavski: Marilyn Monroe, em *O Pecado Mora ao Lado* (1955), Marlon Brando, em *Sindicato de Ladrões* (1954), Paul Newman, em *Gata em Teto de Zinco Quente* (1958) etc. Mais à frente e contemporâneos aos dois artistas, teremos Meryl Streep, Jack Nicholson, Clint Eastwood, Jane Fonda, Dustin Hoffman, Gena Rowlands, além de nomes mais atuais como Whoopi Goldberg e Joaquin Phoenix. Mas, dito mais acima, o específico em De Niro e Pacino está numa precisão modelar e, acrescento aqui, numa intensidade radical que emulsiona o ator, sua performance junto à fatura estética do filme e uma aparente matéria do mundo extrafílmico (mais conhecido como mundo real). A experiência cinematográfica é, assim, um encontro, via filme na sala escura, entre os envolvidos na realização do filme e o espectador.

O resultado era, ali, um reencontro outro com o mundo, agora mais direto e afinado com a brutalidade (e desconfiança) que a imagem passou a carregar. Uma certa perda da inocência, o material que Abraham Zapruder capturou do assassinato de John F. Kennedy, em 1963, e que gerou inúmeras versões, jamais uma verdade, trouxe uma desconfiança com a imagem. O cinema americano



iria mais a campo, ora revisitando certos temas da tradição do cinema clássico, ora fendendo as imagens ao estilo do cinema experimental e indo a um realismo mais radical. Atriz e ator, agora, tenderiam a uma imersão (mais total do que nos anos 1950) no tecido dramático e estético dos filmes.

Al Pacino não era o único, mas, entre todos seus colegas de profissão, de Robert De Niro a Christopher Walken e Jack Nicholson – todos eles, aliás, passados por filmes como *Sem Destino* (1969), *Um Estranho no Ninho* (1975) e *O Franco Atirador* (1978) –, nenhum trouxe no semblante e no corpo o destino trágico de viver a vida como o Frank de *Serpico* (1973), o Michael Corleone de *O Poderoso Chefe*, o Sonny de *Um Dia de Cão* (1975) e mesmo o Steve Burns de *Parceiros da Noite* (1980).

Por morte de um irmão e incompetência do outro, o destino delega a Michael a missão de assumir os negócios da família Corleone, algo que ele jamais quis. Entre o filme de 1972 e o seguinte, de 1974, o abatimento, a angústia, a paranoia, o agravo da violência e a solidão assombram esse homem. Al Pacino revela aqui, no olhar e no corpo, o peso do mundo e o martírio da vida. É um mundo infernal, como o da corrupção intrínseca à polícia de Nova York que violenta o idealista *Serpico*. Ou Sonny, um ex-combatente da Guerra do Vietnã que decide assaltar um banco, mas será muito menos violento que a mídia, a polícia e a turba espectadora. No filme de 1980 dirigido por William Friedkin, outro que sugere

uma espécie de “possessão” que é literal em *O Exorcista* (1973), Steve Burns é o policial que acaba se identificando com um *serial killer*.

O fio em comum entre esses personagens é uma fibrilação entre violência e fragilidade, explosão e contenção, rosto e corpo, olhar e fala, superfície e introspecção. O deus desse Al Pacino ator de cinema tão único é o teatro. Antes de ingressar no cinema, esse artista de 1,68 m, que vez parece mirrado e outra um gigante titânico, teve sua formação, ainda adolescente, na dramaturgia cênica. O teatro, ele jamais abandonou, a ponto de se afastar das telas entre 1985 e 1989 e se reencontrar no tablado. Nenhum consegue, como Pacino, uma atuação tão cinematográfica e ao mesmo tempo teatral. A sobriedade e os olhos são do cinema, ao passo que a voz, as mãos e os braços moventes, e o andar podem ser entendidos como originários do teatro. Essa relação simbiótica faz sentido aos formados pelo Método, no caso de Pacino o do Actors Studio. Algo bem teatral, a ideia de encontrar o personagem através de procedimentos coincide com a orientação de Lee Strasberg, que tem, como Stella Adler, Stanislavski como pai referencial. O personagem, assim, existe antes e até depois da cena, trazendo consigo uma “vida” e todas as suas marcas do mundo real. A um ator como Al Pacino, isso significa uma experiência intensa, senão dramática, em todo o processo da realização cinematográfica.

Ao longo dos anos, Al Pacino foi passando por um processo de conversa consigo próprio e com as artes (e mundo). Entre seu primeiro papel mais realista (em *Os Viciados*, de 1971) e o ator que compõe personagens que parecem, um tanto à *la* Marlon Brando, reiterar metalinguisticamente a si próprio, Al Pacino foi ampliando seu escopo, adotando um *overacting* cá e uma sobriedade acolá.

Scarface é um marco divisório em sua carreira. Há quem não goste, mas esse filme de Brian De Palma tornou-se um objeto de culto, além de referência para os *rappers* e para *games* como GTA. Pacino faz uma atuação ultracodificada, mas precisa, saindo do “real” registrado pelos filmes dos anos 1970 para um mundo que é o do cinema: as cores, as ruas de Miami (filmadas em Los Angeles), as roupas, a entonação, o gesto e a trilha de Giorgio Moroder são pura imagem cinematográfica. Não à toa, Pacino adota, em rosto

e corpo, uma expressividade mais talhada. A partir dali o próprio Pacino talvez tenha tomado consciência de que ele é, também, um dado estético. A tal “marca Al Pacino”, da voz forte e rouca a uma presença gesticular que parece dominar todo um mundo em cena, ganha tons. O que não significa que Pacino necessariamente vá se sobressair aos filmes: o Carlito Brigante de *O Pagamento Final* (1993), do mesmo De Palma, é uma performance finíssima e extremamente introspectiva, ao passo que o Vincent Hanna de *Fogo Contra Fogo* (1995), onde aliás ele contracena com o colega De Niro, tem um Al Pacino intenso, mas também, o semblante e corpo mostram, abatido pelas contingências do mundo.

A história de vida de um artista do cinema é a de uma filmografia. A Mostra Pacino traz 24 longas-metragens entre 1971, com *Os Viciados*, de Jerry Schatzberg, e 2019, com *Era Uma Vez... em Hollywood*, de

Quentin Tarantino. Filmes costumam espelhar a realidade, e a intenção aqui é revermos a história do mundo e a das artes nas últimas cinco décadas através do gênio deste extraordinário artista.

PAULO SANTOS LIMA é crítico de cinema, jornalista, curador e professor de cinema. Formou-se em História pela USP e em Jornalismo pela Cásper Líbero. Entre veículos nos quais escreveu e ainda colabora com críticas, análises e coberturas estão *Folha de S.Paulo*, revista *Cinética*, *Valor Econômico* e revista *Bravo*. Ministrou cursos sobre diretores como Orson Welles, Leon Hirszman, John Cassavetes, Brian De Palma e Werner Herzog, e temas como a contracultura no cinema, crítica cinematográfica, cinema paulista e cinema francês (SESC, CCBB, Caixa Cultural). Fez a curadoria de mostras como “Easy Riders – O cinema da Nova Hollywood” e “De Niro”, ambas no CCBB.



S seja para concordar ou discordar, é incontornável na história do cinema a querela levantada por François Truffaut sobre a política dos autores. No contexto da Nouvelle Vague, o cineasta defendia que o modo de dirigir seria muito mais determinante para a construção do sentido e sensações da obra do que o conteúdo do roteiro. O cinema não seria um espaço de mera representação daquilo que já estava escrito em palavras, mas um espaço autônomo de (re)criação. E o ator? Pode o ator também ser um autor? Al Pacino, o proeminente ator do teatro nova-iorquino eternizado pela indústria cinematográfica, é uma figura central para responder a essa pergunta.

Mas, antes, resta pontuar uma questão fundamental sobre a autoria dos atores no cinema. Seria mais fácil percebê-la em filmes notadamente experimentais e abertos ao improvisado. No cinema brasileiro, por exemplo, é impossível não identificar de imediato a autoria de uma atriz como Helena Ignez, cuja atuação, nos filmes do Cinema Marginal, extrapola o campo de representação de uma personagem pré-concebida já no roteiro ou na imaginação de um diretor. Nos longas de Julio Bressane e Rogério Sganzerla é nítido como ela realiza performances únicas, que acontecem somente pela soma do seu corpo, subjetividade e técnicas particulares da atriz com as condições específicas do momento da filmagem. Mas e quando pensamos em um cinema de modo de produção industrial? Há, nesses casos, como o ator se apresentar também como autor? Se pensarmos em Al Pacino pelo menos desde *O Poderoso Chefão* (The Godfather, 1972), de Francis Ford Coppola, parece que podemos responder “sim”.

Defender a autoria de Al Pacino como ator aproxima-se, em alguma medida, do gesto dos críticos da *Cahiers du Cinéma* quando defenderam a singularidade de diretores que conseguiram imprimir sua marca pessoal em plena indústria hollywoodiana. O pesquisador Patrick McGilligan elaborou a fórmula “the actor as auteur”, com o termo “auteur” em francês, justo para dialogar com a política dos autores concebida na França. Parte do método dos franceses era a análise de um grande corpo de filmes de um mesmo diretor para perceber como há um certo estilo que atravessa toda a obra. No caso de Al Pacino, chama a atenção a construção de uma masculinidade capaz de conjugar de modo muito particular firmeza e serenidade, força e vulnerabilidade.

A figura frágil de Michael Corleone em *O Poderoso Chefão*, primeiro papel de grande projeção na carreira cinematográfica de Al Pacino, filho de Don Vito Corleone (Marlon Brando), representa bem as características fundamentais do ator. O filho que supostamente não seria o mais apto a lidar com a violência e o poder é o que acaba dominando a guerra das máfias. Longe de ser uma figura musculosa e explosiva, Al Pacino ganha o público, assim como seu personagem ganha o poder, com a firmeza do olhar e a sutileza da voz. É interessante pensar que o ator James Caan, que acabou representando Sonny

Corleone, o irmão mais violento da família italiana de *O Poderoso Chefão*, foi cogitado para ser o protagonista do filme. A atuação de James Caan mostra, sem dúvida, uma maneira convincente e imediata de afirmar a força, com cenas de porrada literal. No entanto, a contenção de Al Pacino conquista a afirmação de uma coragem que não deixa de expor o medo e a hesitação, e, assim, produz uma oscilação de sensações que acaba por fisgar o espectador de modo mais profundo e real. É esse balanço entre vulnerabilidade e força, medo e coragem, que faz da sutileza dos gestos de Al Pacino a exposição de uma humanidade atroz.

Em *O Poderoso Chefão*, duas cenas antológicas evidenciam esse jogo de circulação entre o fraco e o forte próprio de Al Pacino. A primeira é quando Michael apresenta o seu sofisticado plano para matar os adversários, e todos os seus irmãos supostamente mais fortes e fálcos riem dele. Apesar de não levantar a voz ou mesmo apelar para a porrada, Michael consegue se impor. A outra cena é na execução desse plano, quando, antes de o personagem atirar, Coppola decide gastar um tempo em um *close* que revela um quase desespero do protagonista, mas que não o impede de agir com firmeza. Seguindo o método do ator-ator, podemos perceber essa marca de Al Pacino, de uma paradoxal força frágil e humana, em mais dois filmes distintos ao extremo e igualmente marcantes para sua carreira.

Em *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, vemos o personagem atrapalhado de Al Pacino assaltar um banco, manter reféns sob sua guarda e emplacar uma longa negociação com a polícia. Mas não só. Esse homem desajeitado consegue sustentar sua ação a ponto de envolver o FBI, ser televisionado e comover uma multidão que vai para os arredores lhe assistir. E mais: o assaltante, ao negociar, começa a gerar uma grande – e absolutamente improvável – empatia tanto nos reféns como na multidão ao redor. Um feito único: exercer o poder pelo carisma ao efetuar uma ação claramente condenável. Esse homem, egresso da Guerra do Vietnã, mostra-se não só poderoso e violento, mas, em igual medida, vulnerável e oprimido. Ao longo das negociações, vamos conhecendo a vida desse protagonista que tem uma família para zelar, é apaixonado por uma pessoa gay em transição e sofre com condições de trabalho desfavoráveis. No entanto, é o jogo entre explosão e contenção, hesitação e coragem, precisão e erro, próprio da atuação de Al Pacino, que cria os gestos perfeitos para transmitir a ambiguidade acachapante dessa vítima/vilão.

Já em *Scarface* (1983), de Brian De Palma, Tony Montana, o personagem representado (ou inventado?) por Al Pacino é um tanto menos ambíguo do que esse assaltante empático e atrapalhado. Tony Montana, egresso de Cuba, domina toda a cocaína de Miami matando sem dó e sem trégua – violenta até sua companheira e chega a ser o assassino do seu melhor amigo. No entanto, há algo em sua atuação que não faz dele apenas o supermacho, o mais forte acima dos mortais. Em determinados momentos, há a apresentação

AL PACINO: QUANDO OS OLHOS DO ATOR-AUTOR PERFURAM A INDÚSTRIA E SE FINGAM NA HISTÓRIA

MARIA BOGADO



de uma ambiguidade que permite ao espectador não apenas condenar de imediato esse homem. Surge a possibilidade de empatia quando notamos uma capacidade incrível de o grande e poderoso bandido se apresentar como um homem comum quando visita sua mãe e a ajuda com dinheiro. O trânsito de Pacino por esses dois polos, o criminoso forte e inabalável e o homem comum, expõe o jogo próprio do ator – como já dissemos, sua capacidade única de transitar entre a contenção e a explosão, a hesitação e a coragem.

Al Pacino, em entrevista recente, elabora uma percepção interessante sobre o real no cinema:

Me lembro de dizer a meu amigo Charlie [seu mentor, o professor de teatro Charles Laughton] que falamos tanto que o cinema é real, mas não é. Porque há fios ligados a você em todo lugar. Além do mais, você tem que refazer! (...) É real e não é real ao mesmo tempo. Não é tão fácil se acostumar com isso.*

Sua reflexão lembra o filósofo alemão Walter Benjamin, quando sustenta que no cinema, mais importante do que representar

um personagem diante de um público, é representar a si mesmo diante de aparelhos. O fato de não poder ver as reações do público efetivamente presente torna a experiência de atuação mais ameaçadora e traz a sensação de irrealidade. Nas palavras de Benjamin: “O ator cinematográfico típico só representa a si mesmo. (...) O astro de cinema impressiona seu público sobretudo porque parece abrir a todos a possibilidade de ‘fazer cinema’”.**

É difícil alcançar esse real do cinema com tantos aparatos técnicos ao redor. Se o ator de teatro precisa projetar sua voz e fazer gestos visíveis à distância, o ator de cinema, pelo contrário, pode manter o tom natural de sua voz e a escala cotidiana de seus gestos, pode agir como se fosse ele mesmo, atingindo um real que se assemelha ao de uma pessoa comum. Desta forma, o público se encanta com o astro não só pela virtuosidade de suas ações, mas por uma identificação atroz: mais do que um ator, o público encontra diante da tela um ser humano, que fala e se desloca como uma pessoa comum. Essa raríssima capacidade de se manter uma pessoa comum representando homens de grande poder e diante de todo o aparato técnico cinematográfico é a força de Al Pacino

– o ator de teatro que só vira uma estrela de cinema porque, como já declarou em entrevistas diversas, nunca almejou ter esse estatuto. Foi provavelmente esse desejo de se manter uma pessoa comum que, em um lance brilhante, paradoxal e talvez a contrapelo, forjou um dos maiores astros da história do cinema.

NOTAS

* Al Pacino. Al Pacino sobre *O Poderoso Chefe*: “Levei uma vida inteira para aceitar” [entrevista concedida a Dave Itzkoff]. *Folha de S. Paulo*, 13 de março de 2022, São Paulo, n.p.

** Walter Benjamin. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Edição 7. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 183.

MARIA BOGADO é doutora em Comunicação Social, com tese sobre cinema brasileiro contemporâneo pela Escola de Comunicação da UFRJ. Atua como professora substituta de cinema na mesma instituição desde março de 2023. Lecionou em cursos livres e projetos formativos, tem publicações sobre cinema em revistas de crítica, catálogos e espaços acadêmicos.

UMA FERA INDOMÁVEL

MARCELO MIRANDA

Policial pergunta: “Ok, como você se chama? ¿Como se llama?”

Detido responde: “Antonio Montana. E você, como se chama?”

O primeiro diálogo da primeira cena de *Scarface* (Brian De Palma, 1983) é um resumo bem próximo da perfeição do que seria a postura central de Al Pacino em tela ao longo de quase seis décadas de carreira. Impetuoso, provocador, ora cínico, ora sarcástico e, acima de tudo, nunca disposto a baixar a cabeça ou demonstrar fragilidade. Claro que Pacino protagonizou dezenas de cenas brutais nas quais seus personagens passavam por algum tipo de sofrimento, mas esse quase nunca foi o caminho percorrido por sua *persona* no cinema. *Scarface* é o epítome disso: ao longo das 2h50 de duração, o Montana de Pacino jamais se mostra cabibaixo, mesmo diante das únicas pessoas (a mãe e a irmã) que o deixam inquieto. Das palavras ao gesto, das expressões faciais à ginga corporal, aquele Pacino de 43 anos em *Scarface* – ou seja, já não era nenhum novato, pois iniciara na atuação quase duas décadas antes, ainda nos palcos de teatro – é a imagem marcante do que significa sua existência como bicho de cinema.

“Bicho” é palavra apropriada para o tipo de presença cênica de Pacino. Com discretos 1,68 m, sempre teve um tipo de velocidade singular de movimentação amplamente utilizada pelos diretores que souberam extrair o seu melhor (pense no corre-corre de *Um Dia de Cão*, de Sidney Lumet, em 1975). A voz meio rouca, o sotaque e a prosódia característicos, os gritos e os gestos de família italo-americana, todo um conjunto de relações do corpo transformaram Al Pacino numa marca registrada de si mesmo. Onde ele está ou onde aparece, em qualquer filme, por mais entrega que haja ao papel, sempre significa, em primeiro lugar, que Al Pacino está ali. Antes o vemos, depois vemos o personagem.

Talvez isso não acontecesse no começo de sua carreira, muito provavelmente nem mesmo em *O Poderoso Chefão* (Francis Ford Coppola, 1972), primeiro trabalho que chamou atenção para ele, tanto pelo impacto do filme quanto pela força de seu Michael

Corleone. Foi ainda sua primeira indicação ao Oscar, concorrendo a ator coadjuvante. Aos moldes dos personagens que seguiria assumindo nas telas, Pacino se irritou e recusou-se a ir à cerimônia da Academia de Hollywood por achar que merecia ter sido indicado como ator principal. Perdeu o prêmio para Joel Grey, de *Cabaret*, de Bob Fosse.

A participação em *O Poderoso Chefão*, batalhada arduamente por Coppola junto aos executivos dos estúdios Paramount, é simbólica numa espécie de troca de gerações e tipos. Ninguém, na época, via Al Pacino ali, e sim algum jovem ator (32 anos) fazendo o filho da verdadeira estrela em cena, essa, sim, as pessoas olhavam e pensavam antes na presença: Marlon Brando. Brando era um clássico “ator do método”, filosofia de trabalho levada aos EUA nos anos 1920 pelo russo Constantin Stanislavski e aprimorada pela lendária Stella Adler. Consistia em permitir que a atuação carregasse efeitos, sentidos e práticas pessoais do profissional, de forma a atingir graus de interpretação muito além daquilo que estaria orientado no roteiro. Al Pacino vinha da mesma metodologia, tendo estudado no Actors Studio sob orientação de figuras como Charles Laughton e Lee Strasberg. Mas Brando e Pacino claramente se aproximavam de modos diferentes das *personas* que queriam

construir, e *O Poderoso Chefão* representa bastante a troca de “métodos”, ainda que partam de princípios similares.

Brando construía seu Vito Corleone com trejeitos variados, maquiagem e truques faciais, alteração de voz e postura, enfim, uma grande transformação (e, tal qual Orson Welles, ele sempre foi uma espécie de ator-camaleão). Já Pacino surgia discreto, olhar às vezes esvaziado, aparentava tédio. Seu Michael menos agia e mais acompanhava os desdobramentos das ações mafiosas da família – tanto que sua ação central no filme, na cena de tiroteio do bar, precisa ser instigada por outros personagens. O “método” de Pacino, então, era mais comedido nesse começo, numa fúria latente, mas ainda relativamente contida. Ele repete a postura dois anos depois em *O Poderoso Chefão II* (1974), mas logo explode e revela-se aos nossos olhos e ouvidos como o Pacino que conhecemos hoje, fazendo o desastrado e apaixonado assaltante de *Um Dia de Cão*.

Seus berros de “Attica! Attica!”, o jeito como ele corre para lá e para cá, o desespero da situação, tudo aquilo em *Um Dia de Cão* pareceu um banquete a um ator como Pacino, que se utilizava do “método” de forma mais barroca e excessiva do que colegas como Marlon Brando. Não era uma presença



UP

PER

PER

PER



PROGRAMAÇÃO CCBB RIO

3 ABRIL — 6 MAIO 2024

03/04 – QUARTA

15h *Serpico* (1973), de Sidney Lumet, 130', digital - 12 anos

17h30 *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, 125', digital - 12 anos

04/04 – QUINTA

15h30 *Espantalho* (1973), de Jerry Schatzberg, 113', digital - 14 anos

18h *Os Viciados* (1971), de Jerry Schatzberg, 110', digital - 16 anos

05/04 – SEXTA

14h30 *Um Momento, uma Vida* (1977), de Sydney Pollack, 125', digital - 10 anos

17h *Fogo contra Fogo* (1995), de Michael Mann, 170', digital - 14 anos

06/04 – SÁBADO

12h45 *City Hall – Conspiração no Alto Escalão* (1996), de Harold Becker, 111 min, digital - 14 anos

15h *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma, 144', digital - 14 anos

18h *Parceiros da Noite* (1980), de William Friedkin, 102', digital - 14 anos

07/04 – DOMINGO

13h *O Poderoso Chefão* (1972), de Francis Ford Coppola, 175', digital - 14 anos

16h30 *O Poderoso Chefão II* (1974), de Francis Ford Coppola, 202', digital - 14 anos

08/04 – SEGUNDA

15h *Um Domingo Qualquer* (1999) de Oliver Stone, 158', digital - 18 anos

18h *Tudo por Dinheiro* (2005), de D. J. Caruso, 122', digital - 14 anos

10/04 – QUARTA

14h *Donnie Brasco* (1997), de Mike Newell, 147', digital - 16 anos

17h *Perfume de Mulher* (1992), de Martin Brest, 157', digital - Livre

11/04 – QUINTA

15h *O Advogado do Diabo* (1997), de Taylor Hackford, 144', digital - 16 anos

18h DEBATE*

12/04 – SEXTA

12h CURSO*

15h30 *Justiça para Todos* (1979), de Norman Jewison 120', digital - 16 anos

18h *City Hall – Conspiração no Alto Escalão* (1996), de Harold Becker, 111 min, digital - 14 anos

13/04 – SÁBADO

12h CURSO*

15h *O Informante* (1999), de Michael Mann, 158', digital - 14 anos

18h *Manglehorn* (2014), de David Gordon Green, 98', digital - 14 anos

14/04 – DOMINGO

12h CURSO*

15h *Era uma Vez em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, 162', digital - 16 anos

18h *Vítimas de uma Paixão* (1989), de Harold Becker, 113', digital - 16 anos

15/04 – SEGUNDA

14h *O Poderoso Chefão III* (1990), de Francis Ford Coppola, 171', digital - 14 anos

17h30 *Donnie Brasco* (1997), de Mike Newell, 147', digital - 16 anos

17/04 – QUARTA

14h30 *Fogo contra Fogo* (1995), de Michael Mann, 170', digital - 14 anos

18h *Espantalho* (1973), de Jerry Schatzberg, 113', digital - 14 anos

18/04 – QUINTA

15h *Os Viciados* (1971), de Jerry Schatzberg, 110', digital - 16 anos

17h30 *Tudo por Dinheiro* (2005), de D. J. Caruso, 122', digital - 14 anos

19/04 – SEXTA

15h30 *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, 125', digital - 12 anos. *Sessão com acessibilidade (legendagem descritiva, audiodescrição e libras)*

18h *Parceiros da Noite* (1980), de William Friedkin, 102', digital - 14 anos.

20/04 – SÁBADO

14h *O Poderoso Chefão III* (1990), de Francis Ford Coppola, 171', digital - 14 anos

17h30 *Serpico* (1973), de Sidney Lumet, 130', digital - 12 anos

21/04 – DOMINGO

14h *Um Momento, uma Vida* (1977), de Sydney Pollack, 125', digital - 10 anos

17h *Scarface* (1983), de Brian De Palma, 170', digital - 18 anos



FOR



ED

PROGRAMAÇÃO CCBB BRASÍLIA

2 JULHO — 4 AGOSTO 2024

02/07 – TERÇA

17h *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma, 144', digital - 14 anos

20h *Parceiros da Noite* (1980), de William Friedkin, 102', digital - 14 anos

03/07 – QUARTA

17h *Serpico* (1973), de Sidney Lumet, 130', digital - 12 anos

19h30 *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, 125', digital - 12 anos

04/07 – QUINTA

17h *Espantalho* (1973), de Jerry Schatzberg, 113', digital - 14 anos

19h30 *Os Viciados* (1971), de Jerry Schatzberg, 110', digital - 16 anos

05/07 – SEXTA

16h *Um Momento, uma Vida* (1977), de Sydney Pollack, 125', digital - 10 anos

18h30 *Fogo contra Fogo* (1995), de Michael Mann, 170', digital - 14 anos

06/07 – SÁBADO

14h45 *City Hall – Conspiração no Alto Escalão* (1996), de Harold Becker, 111 min, digital - 14 anos

17h *O Informante* (1999), de Michael Mann, 158', digital - 14 anos

20h *Manglehorn* (2014), de David Gordon Green, 98', digital - 14 anos

07/07 – DOMINGO

15h *O Poderoso Chefão* (1972), de Francis Ford Coppola, 175', digital - 14 anos

18h30 *O Poderoso Chefão II* (1974), de Francis Ford Coppola, 202', digital - 14 anos

09/07 – TERÇA

16h30 *Um Domingo Qualquer* (1999) de Oliver Stone, 158', digital - 18 anos

19h30 *Tudo por Dinheiro* (2005), de D. J. Caruso, 122', digital - 14 anos

10/07 – QUARTA

16h *Donnie Brasco* (1997), de Mike Newell, 147', digital - 16 anos

19h *Perfume de Mulher* (1992), de Martin Brest, 157', digital - Livre

11/07 – QUINTA

16h30 *O Advogado do Diabo* (1997), de Taylor Hackford, 144', digital - 16 anos

19h30 DEBATE

12/07 – SEXTA

14h30 CURSO

17h *Justiça para Todos* (1979), de Norman Jewison 120', digital - 16 anos

19h30 *City Hall – Conspiração no Alto Escalão* (1996), de Harold Becker, 111 min, digital - 14 anos

13/07 – SÁBADO

14h30 CURSO

17h *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma, 144', digital - 14 anos

20h *Parceiros da Noite* (1980), de William Friedkin, 102', digital - 14 anos

14/07 – DOMINGO

14h30 CURSO

17h *Era uma Vez em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, 162', digital - 16 anos

20h *Vítimas de uma Paixão* (1989), de Harold Becker, 113', digital - 16 anos

16/07 – TERÇA

15h30 *O Poderoso Chefão III* (1990), de Francis Ford Coppola, 171', digital - 14 anos

19h *Donnie Brasco* (1997), de Mike Newell, 147', digital - 16 anos

17/07 – QUARTA

16h *Fogo contra Fogo* (1995), de Michael Mann, 170', digital - 14 anos

19h30 *Espantalho* (1973), de Jerry Schatzberg, 113', digital - 14 anos

18/07 – QUINTA

17h *Os Viciados* (1971), de Jerry Schatzberg, 110', digital - 16 anos

19h30 *Tudo por Dinheiro* (2005), de D. J. Caruso, 122', digital - 14 anos

19/07 – SEXTA

17h30 *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, 125', digital - 12 anos. *Sessão com acessibilidade (legendagem descritiva e audiodescrição)*

20h *Parceiros da Noite* (1980), de William Friedkin, 102', digital - 14 anos

20/07 – SÁBADO

16h *O Poderoso Chefão III* (1990), de Francis Ford Coppola, 171', digital - 14 anos

19h30 *Serpico* (1973), de Sidney Lumet, 130', digital - 12 anos

21/07 – DOMINGO

16h30 *Um Momento, uma Vida* (1977), de Sydney Pollack, 125', digital - 10 anos

19h *Scarface* (1983), de Brian De Palma, 170', digital - 18 anos



REBEL

R



PROGRAMAÇÃO CCBB SÃO PAULO

6 JULHO — 18 AGOSTO 2024

06/07 – SÁBADO

15h *Serpico* (1973), de Sidney Lumet, 130', digital - 12 anos

17h30 *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, 125', digital - 12 anos

07/07 – DOMINGO

15h *Os Viciados* (1971), de Jerry Schatzberg, 110', digital - 16 anos

08/07 – SEGUNDA

14h *Um Momento, uma Vida* (1977), de Sydney Pollack, 125', digital - 10 anos

16h30 *Fogo contra Fogo* (1995), de Michael Mann, 170', digital - 14 anos

10/07 – QUARTA

15h *Justiça para Todos* (1979), de Norman Jewison 120', digital - 16 anos

17h30 *City Hall – Conspiração no Alto Escalão* (1996), de Harold Becker, 111 min, digital - 14 anos

11/07 – QUINTA

14h30 *Um Domingo Qualquer* (1999) de Oliver Stone, 158', digital - 18 anos

17h30 *Tudo por Dinheiro* (2005), de D. J. Caruso, 122', digital - 14 anos

12/07 – SEXTA

17h *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma, 144', digital - 14 anos

18h *Parceiros da Noite* (1980), de William Friedkin, 102', digital - 14 anos

13/07 – SÁBADO

13h *O Poderoso Chefão* (1972), de Francis Ford Coppola, 175', digital - 14 anos

16h15 *O Poderoso Chefão II* (1974), de Francis Ford Coppola, 202', digital - 14 anos

14/07 – DOMINGO

14h30 *Perfume de Mulher* (1992), de Martin Brest, 157', digital - Livre

15/07 – SEGUNDA

15h *Dick Tracy* (1990), de Warren Beatty, 105', digital - 12 anos

18h *Manglehorn* (2014), de David Gordon Green, 98', digital - 14 anos

17/07 – QUARTA

14h30 *O Espantalho* (1973), de Jerry Schatzberg, 113', digital - 14 anos

17h *O Informante* (1999), de Michael Mann, 158', digital - 14 anos

18/07 – QUINTA

14h30 *Era uma Vez em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, 162', digital - 16 anos

18h DEBATE

19/07 – SEXTA

14h30 CURSO

17h *Scarface* (1983), de Brian De Palma, 170', digital - 18 anos

20/07 – SÁBADO

14h30 CURSO

17h *Donnie Brasco* (1997), de Mike Newell, 147', digital - 16 anos

21/07 – DOMINGO

13h00 CURSO

17h *Parceiros da Noite* (1980), de William Friedkin, 102', digital - 14 anos

22/07 – SEGUNDA

15h30 *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, 125', digital - 12 anos. *Sessão com acessibilidade (legendagem descritiva e audiodescrição)*

24/07 – QUARTA

14h *O Poderoso Chefão III* (1990), de Francis Ford Coppola, 171', digital - 14 anos

17h30 *Os Viciados* (1971), de Jerry Schatzberg, 110', digital - 16 anos

25/07 – QUINTA

14h *Era uma Vez em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, 162', digital - 16 anos

17h *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma, 144', digital - 14 anos

26/07 – SEXTA

15h *City Hall – Conspiração no Alto Escalão* (1996), de Harold Becker, 111 min, digital - 14 anos

17h15 *O Advogado do Diabo* (1997), de Taylor Hackford, 144', digital - 16 anos

27/07 – SÁBADO

15h *Um Momento, uma Vida* (1977), de Sydney Pollack, 125', digital - 10 anos

17h30 *Serpico* (1973), de Sidney Lumet, 130', digital - 12 anos

28/07 – DOMINGO

14h *O Poderoso Chefão* (1972), de Francis Ford Coppola, 175', digital - 14 anos

29/07 – SEGUNDA

17h30 *Justiça para Todos* (1979), de Norman Jewison 120', digital - 16 anos

31/07 – QUARTA

16h30 *Fogo contra Fogo* (1995), de Michael Mann, 170', digital - 14 anos

01/08 – QUINTA

14h30 *Os Viciados* (1971), de Jerry Schatzberg, 110', digital - 16 anos

17h *Donnie Brasco* (1997), de Mike Newell, 147', digital - 16 anos

02/08 – SEXTA

15h *O Espantalho* (1973), de Jerry Schatzberg, 113', digital - 14 anos

17h30 *Vítimas de uma Paixão* (1989), de Harold Becker, 113', digital - 16 anos

03/08 – SÁBADO

13h *O Poderoso Chefão II* (1974), de Francis Ford Coppola, 202', digital - 14 anos

16h45 *O Poderoso Chefão III* (1990), de Francis Ford Coppola, 171', digital - 14 anos

04/08 – DOMINGO

14h30 *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, 125', digital - 12 anos

05/08 – SEGUNDA

15h *Manglehorn* (2014), de David Gordon Green, 98', digital - 14 anos

17h *Era uma Vez em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, 162', digital - 16 anos

07/08 – QUARTA

15h *Dick Tracy* (1990), de Warren Beatty, 105', digital - 12 anos

08/08 – QUINTA

14h *Perfume de Mulher* (1992), de Martin Brest, 157', digital - Livre

17h *O Advogado do Diabo* (1997), de Taylor Hackford, 144', digital - 16 anos

09/08 – SEXTA

15h *Parceiros da Noite* (1980), de William Friedkin, 102', digital - 14 anos

17h *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma, 144', digital - 14 anos

10/08 – SÁBADO

14h30 *City Hall – Conspiração no Alto Escalão* (1996), de Harold Becker, 111 min, digital - 14 anos

17h *O Informante* (1999), de Michael Mann, 158', digital - 14 anos

11/08 – DOMINGO

14h *Scarface* (1983), de Brian De Palma, 170', digital - 18 anos

12/08 – SEGUNDA

14h30 *Justiça para Todos* (1979), de Norman Jewison 120', digital - 16 anos

17h *O Advogado do Diabo* (1997), de Taylor Hackford, 144', digital - 16 anos

14/08 – QUARTA

15h *Um Momento, uma Vida* (1977), de Sydney Pollack, 125', digital - 10 anos

17h30 *Vítimas de uma Paixão* (1989), de Harold Becker, 113', digital - 16 anos

15/08 – QUINTA

14h30 *Donnie Brasco* (1997), de Mike Newell, 147', digital - 16 anos

17h30 *Tudo por Dinheiro* (2005), de D. J. Caruso, 122', digital - 14 anos

16/08 – SEXTA

14h30 *Serpico* (1973), de Sidney Lumet, 130', digital - 12 anos

17h *Um Domingo Qualquer* (1999) de Oliver Stone, 158', digital - 18 anos

17/08 – SÁBADO

14h30 *O Espantalho* (1973), de Jerry Schatzberg, 113', digital - 14 anos

17h *Fogo contra Fogo* (1995), de Michael Mann, 170', digital - 14 anos

18/08 – DOMINGO

14h *O Poderoso Chefão III* (1990), de Francis Ford Coppola, 171', digital - 14 anos

1

2



GGBB RIO
GGBB BRASÍLIA
GGBB SÃO PAULO

3 ABRIL — 6 MAIO 2024
2 JULHO — 4 AGOSTO 2024
6 JULHO — 18 AGOSTO 2024



3

4

5

23/07 - TERÇA

16h30 *O Advogado do Diabo* (1997), de Taylor Hackford, 144', digital - 16 anos

19h30 *City Hall - Conspiração no Alto Escalão* (1996), de Harold Becker, 111 min, digital - 14 anos

24/07 - QUARTA

17h *Dick Tracy* (1990), de Warren Beatty, 105', digital - 12 anos

19h *Um Domingo Qualquer* (1999) de Oliver Stone, 158', digital - 18 anos

25/07 - QUINTA

16h *Era uma Vez em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, 162', digital - 16 anos

19h *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma, 144', digital - 14 anos

26/07 - SEXTA

15h *Serpico* (1973), de Sidney Lumet, 130', digital - 12 anos

17h30 *O Poderoso Chefão* (1972), de Francis Ford Coppola, 175', digital - 14 anos

27/07 - SÁBADO

16h *Justiça para Todos* (1979), de Norman Jewison 120', digital - 16 anos

18h30 *Fogo contra Fogo* (1995), de Michael Mann, 170', digital - 14 anos

28/07 - DOMINGO

16h30 *Os Viciados* (1971), de Jerry Schatzberg, 110', digital - 16 anos

19h *Donnie Brasco* (1997), de Mike Newell, 147', digital - 16 anos

30/07 - TERÇA

16h30 *O Informante* (1999), de Michael Mann, 158', digital - 14 anos

19h30 *Vítimas de uma Paixão* (1989), de Harold Becker, 113', digital - 16 anos

31/07 - QUARTA

17h *Manglehorn* (2014), de David Gordon Green, 98', digital - 14 anos

19h *Era uma Vez em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, 162', digital - 16 anos

01/08 - QUINTA

14h30 *O Poderoso Chefão II* (1974), de Francis Ford Coppola, 202', digital - 14 anos

18h30 *O Poderoso Chefão III* (1990), de Francis Ford Coppola, 171', digital - 14 anos

02/08 - SEXTA

16h *Espantelho* (1973), de Jerry Schatzberg, 113', digital - 14 anos

18h30 *Scarface* (1983), de Brian De Palma, 170', digital - 18 anos

03/08 - SÁBADO

17h *Dick Tracy* (1990), de Warren Beatty, 105', digital - 12 anos

19h30 *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, 125', digital - 12 anos

04/08 - DOMINGO

16h *Perfume de Mulher* (1992), de Martin Brest, 157', digital - Livre

19h *O Advogado do Diabo* (1997), de Taylor Hackford, 144', digital - 16 anos



2024

CGBB RIO 3 ABRIL — 6 MAIO 2024
CGBB BRÁSILIA 2 JULHO — 4 AGOSTO 2024
CGBB SÃO PAULO 6 JULHO — 18 AGOSTO 2024

2024



22/04 – SEGUNDA

15h *O Advogado do Diabo* (1997), de Taylor Hackford, 144', digital - 16 anos

18h *City Hall – Conspiração no Alto Escalão* (1996), de Harold Becker, 111 min, digital - 14 anos

24/04 – QUARTA

15h *Dick Tracy* (1990), de Warren Beatty, 105', digital - 12 anos

17h *Um Domingo Qualquer* (1999) de Oliver Stone, 158', digital - 18 anos

25/04 – QUINTA

14h30 *Era uma Vez em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, 162', digital - 16 anos

17h30 *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma, 144', digital - 14 anos

26/04 – SEXTA

14h30 *Serpico* (1973), de Sidney Lumet, 130', digital - 12 anos

17h *O Poderoso Chefão* (1972), de Francis Ford Coppola, 175', digital - 14 anos

27/04 – SÁBADO

14h30 *Justiça para Todos* (1979), de Norman Jewison 120', digital - 16 anos

17h *Fogo contra Fogo* (1995), de Michael Mann, 170', digital - 14 anos

28/04 – DOMINGO

15h *Os Viciados* (1971), de Jerry Schatzberg, 110', digital - 16 anos

17h30 *Donnie Brasco* (1997), de Mike Newell, 147', digital - 16 anos

29/04 – SEGUNDA

15h *O Informante* (1999), de Michael Mann, 158', digital - 14 anos

18h *Vítimas de uma Paixão* (1989), de Harold Becker, 113', digital - 16 anos

01/05 – QUARTA

15h *Manglehorn* (2014), de David Gordon Green, 98', digital - 14 anos

17h *Era uma Vez em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, 162', digital - 16 anos

02/05 – QUINTA

13h *O Poderoso Chefão II* (1974), de Francis Ford Coppola, 202', digital - 14 anos

17h *O Poderoso Chefão III* (1990), de Francis Ford Coppola, 171', digital - 14 anos

03/05 – SEXTA

14h30 *Espantelho* (1973), de Jerry Schatzberg, 113', digital - 14 anos

17h *Scarface* (1983), de Brian De Palma, 170', digital - 18 anos

04/05 – SÁBADO

15h *Dick Tracy* (1990), de Warren Beatty, 105', digital - 12 anos

17h30 *Um Dia de Cão* (1975), de Sidney Lumet, 125', digital - 12 anos

05/05 – DOMINGO

14h30 *Perfume de Mulher* (1992), de Martin Brest, 157', digital - Livre

17h30 *O Advogado do Diabo* (1997), de Taylor Hackford, 144', digital - 16 anos

06/05 – SEGUNDA

15h30 *Parceiros da Noite* (1980), de William Friedkin, 102', digital - 14 anos

17h30 *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma, 144', digital - 14 anos

U

I



GGBB RIO
GGBB BRASÍLIA
GGBB SÃO PAULO

3 ABRIL — 6 MAIO 2024
2 JULHO — 4 AGOSTO 2024
6 JULHO — 18 AGOSTO 2024



N

E

O

introspectiva, e sim extrovertida, exteriorizada, para fora do corpo e da mente. Essa transição de três ou quatro anos é marcante nos anos 1970, porque o retira da condição de “ator que interpreta personagens” para eternizá-lo como “Al Pacino interpreta alguém”. Só gigantes fazem esse tipo de movimento para se tornarem sinônimos de si mesmos e bases para referências posteriores.

Não por menos, a década de 1970 e boa parte dos anos 1980 são a consolidação de Pacino como um dos grandes artistas do século 20 e, em disputa com o colega Robert De Niro, o maior e mais influente ator norte-americano do período. Indo e vindo no estilo explosivo, ele marcou presença com tipos que complexificavam quaisquer enredos. Ao olhar com atenção sua filmografia, pode-se perceber que não foram, em número, tantos títulos eternizados. Claro, houve *Serpico* (Sidney Lumet, 1973), houve os *Chefão*, lá estava *Um Dia de Cão*. Mas poucos espectadores ainda se lembram com a mesma veemência de *Espantinho* (Jerry Schatzberg, 1973), ganhador da Palma de Ouro no Festival de Cannes, ou de *Um Momento, uma Vida* (Sidney Pollack, 1977) e *Justiça para Todos* (Norman Jewison, 1979), ambos importantes por manterem Pacino nas listas de premiações do Globo de Ouro e do Oscar. Possível motivo para esse desequilíbrio de atenção está nas presenças menos explosivas de Pacino, ainda que ele apareça, em todos eles, com a intensidade que àquela altura já movia os espectadores para vê-lo em cena.

Os anos 1980 trazem novas incursões potentes de Pacino, como *Parceiros da Noite*

(William Friedkin, 1980) e *Scarface*, mas também guardam algumas pérolas pouco lembradas mesmo diante da importância da carreira do ator, como *Autor em Família* (Arthur Hiller, 1982) e *Vítimas de uma Paixão* (Harold Becker, 1989). É ainda a década de um grande intervalo de Pacino no cinema depois do fracasso de *Revolução* (Hugh Hudson, 1985), tropeço tão forte que ele fica quatro anos fora das telas e volta a se dedicar apenas ao teatro. De novo, pode-se detectar que foi uma época de menos grandes filmes do que antes e de mais trabalhos pouco citados. Mesmo assim, Pacino, o mito, permanece e cresce.

Se os anos 1970 revelaram que Pacino era um ator imenso, a década de 1990 já o tratava como lenda. Assim ele se deixava levar em todo tipo de projeto no qual sua presença se fazia indispensável ao tipo de impacto que alguns dos cineastas buscavam. De fato, é uma década fundamental à nova consolidação de Al Pacino no imaginário cinematográfico. Já na faixa dos 50 anos de idade, o ator emenda algumas de suas participações mais marcantes em toda a carreira, numa sequência impressionante que inclui *Dick Tracy* (Warren Beatty, 1990), *O Pagamento Final* (Brian De Palma, 1993), *Fogo contra Fogo* (Michael Mann, 1995) e *O Informante* (Michael Mann, 1999), para citar as obras-primas. Foi ainda a década que enfim o premiou com o Oscar de melhor ator, por *Perfume de Mulher* (Martin Brest, 1992), e o colocou novamente na pele de Michael Corleone, em *O Poderoso Chefão III* (Francis Ford Coppola, 1990). Até no horror ele deu as caras ao viver o demônio em *Advogado do Diabo* (Taylor Hackford, 1997) e

ainda assumiu o papel do irascível técnico de futebol americano de *Um Domingo Qualquer* (Oliver Stone, 1999). Não é que Pacino melhorasse os filmes, nem que os filmes o melhoravam. A questão é que, por colocarem o ator em cena com a carga já histórica de sua importância nas décadas anteriores, vários desses títulos nem sequer existiriam se Al Pacino não fosse simplesmente Al Pacino.

Os anos 1990 foram tão significativos que as décadas seguintes não conseguiram fazer jus a seu gigantismo – e o próprio ator, por motivos vários, envolveu-se em muitos projetos que não lhe exigiram tanto. Inquieto, ainda filma vorazmente em plenos anos 2010 e 2020, a ponto de transitar do status de lenda para o de caricatura, mas isso não o impede de aparecer arrasador no trio *Era uma Vez... em Hollywood* (Quentin Tarantino, 2019), *O Irlandês* (Martin Scorsese, 2019) e *Casa Gucci* (Ridley Scott, 2021), em todos interpretando tipos algo debochados que muito devem justamente à relevância que sua presença impõe. Tê-lo em cena hoje, na casa dos 80 anos, torna-se um acontecimento que se sustenta numa solidez muito específica, nunca “só” outro ator diante das câmeras. E ele sabe disso. Não se é Al Pacino impunemente.

MARCELO MIRANDA é jornalista, crítico de cinema e programador. Mestre em Comunicação pela UFMG. Colaborador de veículos impressos e virtuais, como o jornal *Folha de S.Paulo* e as revistas *Quatro Cinco Um* e *Cinética*. Coeditor da revista on-line *Abismu*. Professor em cursos livres e autor de artigos em livros e catálogos sobre vários cineastas e cinematografias.



PACINO

LADO B

SÉRGIO ALPENDRE



“Você elabora o recorte”, disse o curador Paulo Santos Lima. Qual recorte escolher, então? Um que respeitasse a cronologia de um ator que só se tornou grande depois dos 30 anos e que já fazia papel de quase aposentado com menos de vinte anos de carreira? Pacino trabalhando com os grandes autores de sua época: Francis Ford Coppola, Sidney Lumet, Brian De Palma, William Friedkin, Michael Mann, deixando de fora os autores para quem fez papéis secundários (Scorsese, Tarantino)? Dez grandes filmes, entre a saga de Michael Corleone de Coppola e os investigadores de Mann, que não diferencia o detetive do bom jornalista investigativo; entre os policiais de Lumet, nos quais aparece em lados opostos, e o de Friedkin, para quem interpretou um policial infiltrado no submundo homossexual do fetiche por couro, um longa polêmico em que seu talento encontra o do diretor; e os mafiosos de diferentes estirpes que interpretou para De Palma.

Pensei ainda nos duelos de atuação: com Marlon Brando em *O Poderoso Chefão*, com De Niro em *Fogo contra Fogo*, com Russell Crowe em *O Informante* – duelos em que Pacino modula sua atuação para se encaixar com outro ator. No caso de *Fogo contra Fogo*, ele precisou se adequar à interpretação cheia de classe composta por De Niro, para conseguir capturar o ladrão. Mann trabalhou inteligentemente com o *overacting* de Pacino, acreditando que essa mudança seria possível. Há os duelos de egos: com Oliver Stone em *Um Domingo Qualquer*, com Warren Beatty em *Dick Tracy*, com Coppola em *O Poderoso Chefão III* (nos dois primeiros eles ainda não tinham status para essa batalha).

Escrever sobre todos esses temas tornaria este texto uma lista telefônica comentada. Optei então por uma espécie de Pacino lado B, que surgirá na segunda metade dos anos 1970, seguindo pelas décadas seguintes em alternância com o Pacino lado A, levando em conta que alguns de seus trabalhos trafegam entre o lado A e o B com uma constância interessante – como em dois filmes de 1997, *Donnie Brasco*, de Mike Newell, e *O Advogado do Diabo*, de Taylor Hackford. Em ambos, não é Pacino o protagonista, mas não é difícil perceber que ele rouba as cenas de Johnny Depp e Keanu Reeves, mesmo que esses atores estejam em bons momentos (principalmente Depp). Do lado B, Pacino faz nesses filmes uma transição intencional para o lado A, sem que os diretores tenham tamanho, poder ou desejo de interromper esse fluxo, que no fundo lhes interessa.

Mas antes de chegar aos filmes em que a maior força é Al Pacino, convém pensar no início do percurso, em sua estreia cinematográfica como protagonista (*Os Viciados*), no nascimento da estrela (*O Poderoso Chefão*) e em sua consolidação definitiva (*O Poderoso Chefão II* e *Um Dia de Cão*), passando pelos dois filmes de 1973 (*Espantinho* e *Serpico*), que reforçaram o caminho para o estrelato antes de sua consolidação, eles próprios



formando um pequeno crescendo de importância e orçamento. Temos, então, seis longas, três dobradinhas que podem ser traduzidas pelo esquema baixo orçamento – grande orçamento – médio orçamento (dois de Schatzberg, dois de Coppola, dois de Lumet). Pacino, como Robert De Niro, outro ator nova-iorquino cujo caminho é muito semelhante ao dele, moldou sua persona com alguns dos melhores diretores da época, e tudo que veio depois é reflexo dessa persona.

O crítico de cinema Robin Wood chama a atenção para a continuação do método do Actors Studio nos trabalhos do ator. Em *Os Viciados*, esse método está aplicado de modo indistigável, muito mais do que nos filmes seguintes, em que sua experiência apaga os traços da técnica, deixando-a como base, que é o mais importante no caso. Entre o longa de estreia e o próximo que Pacino fez com Schatzberg, aconteceu *O Poderoso Chefão*. O filme de Coppola, pelo tamanho que adquiriu, pelo sucesso e prestígio alcançados, e pelo estabelecimento de um personagem forte o suficiente para aguentar o peso de uma saga, colocou Pacino em outro patamar, o que faz toda a diferença em *Espantinho*. Por mais que olhemos retrospectivamente e percebamos o talento desde o início de sua carreira, nesse filme a performance é mais segura, constante, sem os (poucos) baixos de *Os Viciados*.

Algo diferente acontece nos filmes de Sidney Lumet, *Serpico* (1973) e *Um Dia de Cão* (1975), quarto e sexto longas de Pacino. Não se trata mais de personagens marginalizados, como os de Schatzberg, mas de personagens que lidam de alguma forma com o crime. O detetive de *Serpico* briga com a corrupção no Departamento de Polícia de Nova York, sendo ameaçado por policiais criminosos. O de *Um Dia de Cão* tenta assaltar um banco para pagar a operação de mudança de sexo de seu namorado, mas não leva jeito para o crime. Nos filmes de Lumet, Pacino é uma força da natureza, mesmo que tenha uma estatura baixa o suficiente para se sentir ameaçado. Nos de Jerry Schatzberg, Pacino interpreta

personagens fracos, vítimas de uma sociedade que os expulsa para subempregos e uma condição de difícil sobrevivência.

Depois desses seis longas, já transformado em astro, Pacino começou a alternar trabalhos com diretores menos celebrados (ainda que com seus momentos de força), como Sydney Pollack, Norman Jewison e Arthur Hiller, nos quais é, sem dúvida, a maior estrela, com trabalhos assinados por grandes autores, como William Friedkin e Brian De Palma – filmes que se enriquecem por sua presença, mas andam por conta própria graças a seus diretores. Por mais que seja difícil imaginar outro ator no lugar do policial infiltrado de *Parceiros da Noite* (Friedkin, 1980) ou do traficante de *Scarface* (De Palma, 1983), é fato que as forças maiores em questão são seus diretores, ambos num patamar mais elevado que o de Pacino nos anos da Nova Hollywood. Não é o que acontece em *Um Momento, Uma Vida* (Pollack, 1977), *Justiça para Todos* (Jewison, 1979) e *Autor em Família* (Hiller, 1982).

Sydney Pollack teve seus melhores momentos nos anos 1960, sobretudo nos longas *A Defesa do Castelo* (1968) e *A Noite dos Desesperados* (1969). Nos anos 1970, passou a ser um diretor irregular, por vezes até superestimado, no caso de *Mais Forte que a Vingança*, de 1972. *Um Momento, uma Vida* é um certo desperdício de Al Pacino. Na pele do piloto de carros de corrida Bobby Deerfield, o ator não se atira com tanta energia e paixão como nos acostumamos a ver. Há algo nele que está adormecido, talvez porque Pollack quisesse fazer um filme mais europeu, meio sonambulesco. Em alguns momentos, Pacino começa a gritar, porque um ator costuma se mostrar mais enfático e favorito a ganhar prêmios diversos quando seus nervos explodem. Mas parece tão fictício que num desses momentos de fúria os balões sobem deixando seu personagem – e o filme – isolado em campo aberto. Pacino não cabe nesse filme.

Ainda mais inconstantes que Pollack são Norman Jewison e Arthur Hiller. Ambos tiveram alguns bons momentos nos anos 1960,

sem jamais atingir um patamar realmente marcante, filmando com regularidade nas décadas seguintes, mas raramente com força. *Justiça para Todos* é típico de Jewison. Um filme quadrado, meio sem alma, aparentando sobriedade e importância, mas sem uma faulha sequer de invenção ou risco. Por trás da crítica ao sistema penal tem um freio que procura suavizar a trama, ora com um jazz suave na trilha, ora com alguns cortes que provocam uma mudança drástica de humor. Como sempre na carreira desse diretor, tem uma segurança de encenação que garante um punhado de boas cenas, ainda mais com Pacino para interpretá-las. *Um Autor em Família*, por outro lado, mostra o máximo que Hiller pode alcançar (não é muito), valendo-se da presença de um ator que leva o filme nas costas, junto com as crianças que interpretam seus filhos.

Momento complicado de carreira, Pacino aceita fazer um papel que o leva de volta à Revolução Americana, no século 18. O filme é *Revolução* (1985), do diretor inglês Hugh Hudson. Uma coisa é estar nos anos 1970 e voltar até o final dos anos 1940, como em *O Poderoso Chefão*. Um ator mais identificado com tipos urbanos de Nova York pode fazer isso. Outra é voltar dois séculos no tempo. Ninguém acredita em seu personagem e esse não é o maior problema. Entre *Revolução* e *Vítimas de uma Paixão* (1989), quatro anos se passaram sem vermos Pacino na tela grande. O policial de Harold Becker é bem levado, mas novamente é Pacino quem dá as cartas, incluindo cenas de sexo com Ellen Barkin, o que na época foi muito destacado.

O ator parece ter gostado desse tipo de filme em que é a maior estrela, sem qualquer outra figura em seu encaixe, filmes mornos para um público médio. Seguiram-se, nas próximas décadas: *Frankie & Johnnie*, *O Sucesso a Qualquer Preço*, *Perfume de Mulher* (que finalmente lhe valeu o Oscar), *City Hall*, *Donnie Brasco*, *Advogado do Diabo*, *Simone*, *O Novato*, *As Duas Faces da Lei*, *Manglehorn*, entre muitos outros. Em paralelo a esses filmes (maioria gritante em sua carreira) revive Michael Corleone em *O Poderoso Chefão III*, interpreta Carlito Brigante em *O Pagamento Final*, o detetive Vincent Hanna de *Fogo contra Fogo* e o jornalista de *O Informante*.

É curioso e melancólico que Pacino não tenha protagonizado nenhum filme de um grande autor no século 21. No entanto, como Robin Wood escreveu, a simples presença do ator transforma qualquer filme em um evento. Talvez uma coisa tenha a ver com a outra.

SERGIO ALPENDRE é crítico de cinema, professor, pesquisador, curador e jornalista. Escreve frequentemente na *Folha de S.Paulo* e no site *Leitura Fílmica*. Doutor em Comunicação/Cinema pela Universidade Anhembi-Morumbi. Mestre em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA – USP, com bolsa da CAPES. Editor do blog de cinema *sergioalpendre.com*. Já escreveu para importantes veículos de imprensa como *UOL*, *Contracampo*, *Teorema*, *Cineclick*, *Foco*, *MOVIE*, *Taturana*, *Cinequanon*, *Revista E*, *Bravo*, *Aventuras na História* e *Filme Cultura*. Fundou e editou a revista *Paisà* (impresa) e a revista *Interlúdio* (on-line).

SINOPSES

OS VICIADOS (THE PANIC IN THE NEEDLE PARK)

EUA, 1971, 110 min, 16 anos
Direção: Jerry Schatzberg
Com Al Pacino, Kitty Winn, Alan Vint,
Richard Bright

Bobby (Al Pacino), um dependente químico e pequeno traficante, se envolve com Helen (Kitty Winn), uma jovem meio sem rumo que acaba entrando na onda do consumo de heroína. Ambos entram numa espiral. É o primeiro – e já marcante – trabalho de Al Pacino como protagonista, aqui num registro mais realista e num filme extremamente cru na exposição detalhada do consumo de drogas e da realidade degradada daquele universo.

O PODEROSO CHEFÃO (THE GODFATHER)

EUA, 1972, 175 min, 14 anos
Direção: Francis Ford Coppola
Com Al Pacino, Marlon Brando, James Caan,
Diane Keaton, Talia Shire

Neste que é um dos mais aclamados filmes da história do cinema, uma família mafiosa luta para estabelecer sua supremacia nos Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial. Uma tentativa de assassinato deixa o chefe Vito Corleone (Marlon Brando) incapacitado e força os filhos Michael (Al Pacino) e Sonny (James Caan) a assumirem os negócios. Coppola, um dos maiores cineastas da Nova Hollywood, lutou para ter Al Pacino no filme. O resultado foi um jovem ator de 32 anos expor pelo rosto e corpo todo um tormento de assumir um destino terrível.

ESPANTALHO (SCARECROW)

EUA, 1973, 113 min, 14 anos
Direção: Jerry Schatzberg
Com Gene Hackman, Al Pacino, Dorothy
Tristan, Ann Wedgeworth

Max (Gene Hackman) e Lion (Al Pacino), dois desconhecidos, se encontram numa estrada da Califórnia. O primeiro saiu da prisão recentemente e o outro é um egresso da Marinha. Com temperamento efusivo, Max planeja ir para Pittsburgh, onde sonha abrir um lava-rápido. Lion, mais anárquico, deseja ver a mulher, que abandonou, e conhecer o filho de cinco anos. Ambos decidem unir forças e tentar uma vida melhor. Pacino faz aqui um de seus grandes papéis, numa mescla de fragilidade com energia.

SERPICO (SERPICO)

EUA, 1973, 130 min, 12 anos
Direção: Sidney Lumet
Com Al Pacino, Allan Rich, Barbara Eda-
Young, Biff McGuire

Jovem e idealista policial de Nova York, Frank Serpico (Al Pacino) recusa os subornos que lhe são oferecidos e passa a ser marginalizado pelos colegas coniventes com a corrupção. Sua luta solitária abala seu prestígio dentro da corporação e acaba ameaçando sua própria vida. Adaptação do livro de Peter Maas, por sua vez baseado em fatos reais, o filme conta com a direção de Sidney Lumet, adepto da estética das ruas típica dos anos 1970. A brilhante performance de Al Pacino lhe rendeu o



prêmio de melhor ator no Globo de Ouro e indicação na mesma categoria no Oscar.

O PODEROSO CHEFÃO II (THE GODFATHER: PART II)

EUA, 1974, 202 min, 14 anos
Direção: Francis Ford Coppola
Com Al Pacino, Robert De Niro, Robert Duvall, Diane Keaton

Início do século XX. Após a máfia local matar sua família, o jovem Vito foge de sua cidade na Sicília e vai para os Estados Unidos. Já adulto, no bairro nova-iorquino de Little Italy, Vito luta para ganhar a vida (legal ou ilegalmente) e manter esposa e filhos. O poder de Vito cresce, mas sua família é o que mais lhe importa. Nos anos 1950, com o patriarca morto, é o caçula Michael quem mantém o legado dos Corleone. A composição de Al Pacino como Michael Corleone é incrível, ele habitando as sombras, imerso na violência e abatido pelo destino pesado que teve de assumir. O ator foi indicado a melhor ator no Oscar e no Globo de Ouro.

UM DIA DE CÃO (DOG DAY AFTERNOON)

EUA, 1975, 125 min, 12 anos
Direção: Sidney Lumet
Com Al Pacino, John Cazale, Penelope Allen, Sully Boyar

Quando o inexperiente Sonny Wortzik (Al Pacino) lidera um assalto a banco no Brooklyn, Nova York, as coisas rapidamente dão errado. Ele e seu cúmplice, Sal Naturile (John Cazale), tentam desesperadamente manter o controle, mas a mídia sensacionalista, a polícia e o FBI chegam criando uma tensão ainda maior. Gradualmente, os verdadeiros motivos para o roubo são revelados. Adepto de uma abordagem mais realista, o diretor Sidney Lumet encontra novamente em Al Pacino a imagem do homem comum desesperado, num papel que lhe rendeu indicação ao Oscar e ao Globo de Ouro de melhor ator.

UM MOMENTO, UMA VIDA (BOBBY DEERFIELD)

EUA, 1977, 125 min, 10 anos
Direção: Sydney Pollack
Com Al Pacino, Marthe Keller, Walter McGinn, Anny Duperey

Bobby (Al Pacino) é um piloto de corridas frio e presunçoso. Quando se apaixona por uma jovem enigmática, sua vida parece tomar outro rumo. Mas as curvas da vida escondem surpresas trágicas, que levam este romance a um inexorável desfecho. Num papel atípico, senão inesperado, Pacino conta com a sempre interessante habilidade de Sydney Pollack como diretor de atores, compondo aqui um de seus



típicos personagens angustiados e de certa forma deslocados.

JUSTIÇA PARA TODOS (AND JUSTICE FOR ALL)

EUA, 1979, 120 min, 16 anos
Direção: Norman Jewison
Com Al Pacino, John Forsythe, Jack Warden, Christine Lahti

Drama satírico em que um advogado idealista (Al Pacino), que tenta ganhar casos para seus clientes presos em um sistema hipócrita e corrupto, encontra-se defendendo um juiz acusado de estupro. O juiz erroneamente entende que os ideais do advogado e seu desdém para com aos tribunais o encaminharão para uma absolvição, apesar das evidências e ódio que sentem um pelo outro. Típico do diretor Norman Jewison, é uma espécie de filme-denúncia que traz o *nonsense* do sistema judicial norte-americano. Pacino, novamente, presenteia o espectador com uma afinadíssima atuação realista.

PARCEIROS DA NOITE (CRUISING)

EUA, 1980, 102 min, 14 anos
Direção: William Friedkin
Com Al Pacino, Paul Sorvino, Karen Allen, Richard Cox

O policial Steve Burns (Al Pacino) foi destacado para investigar uma série de assassinatos de homossexuais em Nova York. Com a intenção de crescer dentro da corporação, aceita o desafio de se passar por gay, sabendo que terá que frequentar a comunidade e mergulhar nos clubes de sadomasoquismo. William Friedkin, mais uma vez, fala sobre a violência do mundo e dos seres humanos. E conta aqui com a

magistral performance de Al Pacino, das melhores de sua carreira, ainda que ele não tenha se encantado com este brilhante e polêmico filme que gerou protestos durante sua realização.

SCARFACE (SCARFACE)

EUA, 1983, 170 min, 18 anos
Direção: Brian De Palma
Com Al Pacino, Michelle Pfeiffer, Steven Bauer, Mary Elizabeth Mastrantonio

Após receber residência permanente nos Estados Unidos em troca do assassinato de um oficial do governo cubano, Tony Montana (Al Pacino) se torna o chefe do tráfico de drogas em Miami. Matando qualquer um que entre em seu caminho, Tony eventualmente se torna o maior traficante da Flórida, controlando quase toda a cocaína que entra em Miami. Porém, a pressão da polícia, as guerras com cartéis colombianos e sua própria paranoia servem para alimentar as chamas de sua eventual queda. De Palma aposta em imagens panorâmicas marcantes e, assim, graças à performance de Pacino, instalou o personagem de Tony Montana no imaginário coletivo com este filme que é refilmagem do clássico homônimo dirigido por Howard Hawks em 1932.

VÍTIMAS DE UMA PAIXÃO (SEA OF LOVE)

EUA, 1989, 113 min, 16 anos
Direção: Harold Becker
Com Al Pacino, Ellen Barkin, John Goodman, Samuel L. Jackson

Incomodado detetive de Nova York, Frank Keller (Al Pacino) investiga uma assassina em série que sempre deixa a música "Sea

of Love” tocando na cena do crime. Com a ajuda de seu parceiro, Sherman Touhey (John Goodman), Frank cria um plano para achar a assassina usando seus próprios anúncios de encontro. Mas, Frank se apaixona por sua principal suspeita, Helen Cruger (Ellen Barkin), e então precisa lutar para conciliar sua vida pessoal e seu dever profissional. *Thriller* vigoroso que marca o retorno de Al Pacino após um hiato de quatro anos no cinema.

O PODEROSO CHEFÃO 3 (THE GODFATHER: PART III)

EUA, 1990, 171 min, 14 anos
Direção: Francis Ford Coppola
Com Al Pacino, Sofia Coppola, Andy Garcia, Diane Keaton

Michael Corleone (Al Pacino) está envelhecendo e, com a ajuda do sobrinho Vincent Mancini (Andy Garcia), busca a legitimação dos interesses da família em Nova York e na Itália. Seu protegido não está só interessado em parte do império da família, mas também deseja a filha de Michael, Mary (Sofia Coppola). No mais, Michael busca uma redenção pelo que cometeu de violências no passado. Pacino, brilhante aqui, coloca uma fragilidade física marcante no Michael que, nos outros dois filmes, sempre esteve carregando nos ombros todo o peso do que lhe foi destinado.

DICK TRACY (DICK TRACY)

EUA, 1990, 105 min, 12 anos
Direção: Warren Beatty
Com Warren Beatty, Al Pacino, Madonna, Dustin Hoffman

Tess Trueheart (Glenne Headly) quer apenas ter uma vida tranquila com seu namorado, Dick Tracy (Warren Beatty), um detetive da polícia. Porém, existe alguém que pode atrapalhar os sonhos do casal. Este alguém é Big Boy Caprice (Al Pacino), um gângster que decidiu fazer uma guerra pelo domínio da cidade e comandar todos os bandidos. Para complicar ainda mais a situação, Dick Tracy também precisa resistir aos avanços de Breathless Mahoney (Madonna), uma sedutora cantora de boate. Quase irreconhecível pela vasta maquiagem, Pacino faz seu primeiro papel num filme baseado em HQ, além de ser indicado ao Oscar e ao Globo de Ouro de melhor ator coadjuvante.

PERFUME DE MULHER (SCENT OF A WOMAN)

EUA, 1992, 157 min, Livre
Direção: Martin Brest
Com Al Pacino, Chris O'Donnell, Gabrielle Anwar, Philip Seymour

Frank (Al Pacino) é um militar aposentado, cego e impossível de conviver. Sua sobrinha



contrata Charlie (O'Donnell) para cuidar dele no dia de Ação de Graças. Charlie aceita o trabalho para pagar por uma viagem de volta para casa no Natal, porém eles não contavam com a ideia de Frank de passar o dia em Nova York. Al Pacino ganhou o Oscar e também o Globo de Ouro de melhor ator por este trabalho que é uma refilmagem do longa homônimo dirigido pelo italiano Dino Risi em 1974.

O PAGAMENTO FINAL (CARLITO'S WAY)

EUA, 1993, 144 min, 14 anos
Direção: Brian De Palma
Com Al Pacino, Sean Penn, Penelope Ann Miller, Luis Guzmán

Após sair da prisão, o ex-trafficante Carlito Brigante (Al Pacino) jura a si mesmo que nunca mais voltará à criminalidade. Mas a mudança de vida não é fácil, porque seus conhecidos continuam na ilegalidade e o destino parece querer puxá-lo de volta à contravenção. A direção sempre impecável de Brian De Palma transforma em pura imagem a dimensão trágica e romântica desse melodrama policial singular. O rosto de Al Pacino, carregando todo o peso da vida, é mais uma de suas marcantes presenças na tela.

FOGO CONTRA FOGO (HEAT)

EUA, 1995, 170 min, 14 anos
Direção: Michael Mann
Com Al Pacino, Robert De Niro, Val Kilmer, Jon Voight

Vincent Hanna (Al Pacino) é um obstinado policial que coloca o trabalho acima de tudo. Neil McCauley (Robert De Niro) é um fora da lei igualmente profissional que

pretende fazer seu último grande roubo e se aposentar da criminalidade. Sendo os melhores no que fazem, ocorre logo uma mútua identificação entre esses dois homens solitários e éticos. Na caçada, Vincent verá seu casamento ruir, ao passo que Neil começará um forte romance. Filme primoroso que marca a primeira vez em que esses dois lendários atores de Hollywood atuam juntos numa mesma cena.

CITY HALL - CONSPIRAÇÃO NO ALTO ESCALÃO (CITY HALL)

EUA, 1996, 111 min, 14 anos
Direção: Harold Becker
Com Al Pacino, John Cusack, Bridget Fonda, Danny Aiello

A morte acidental de uma criança envolvendo um policial e um criminoso acaba revelando uma estrutura de corrupção junto às instituições governamentais de Nova York. A situação exige do prefeito John Pappas (Al Pacino), e também de seu assistente direto Kevin Calhoun (John Cusack), uma maior habilidade no difuso jogo de poder político. Pacino dedicou um largo tempo à convivência com o prefeito de Nova York à época, Rudolph Giuliani, para compor melhor seu personagem.

O ADVOGADO DO DIABO (THE DEVIL'S ADVOCATE)

EUA, 1997, 144 min, 16 anos
Direção: Taylor Hackford
Com Al Pacino, Keanu Reeves, Charlize Theron, Connie Nielsen

Kevin Lomax (Keanu Reeves), advogado de uma pequena cidade da Flórida que nunca perdeu um caso, é contratado por John Milton (Al Pacino), dono da maior firma

de advocacia de Nova York. No início tudo parece correr bem, mas Mary Ann (Charlize Theron), a esposa do advogado, começa a testemunhar aparições demoníacas. Ambicioso, Kevin está empenhado em defender o cliente e cada vez dá menos atenção a sua mulher. Pacino assume, afinadamente, um *overacting* fundamental à caracterização de Milton, que acabou se tornando um de seus personagens mais populares.

DONNIE BRASCO (DONNIE BRASCO)

EUA, 1997, 147 min, 16 anos

Direção: Mike Newell

Com Al Pacino, Johnny Depp, Michael Madsen, Anne Heche

“Lefty” Ruggerio (Al Pacino), um dos maiores mafiosos americanos, tem como novo protegido um jovem de Miami chamado Donnie Brasco (Johnny Depp), na verdade um agente do FBI incumbido de se infiltrar e desmascarar a máfia. A relação entre ambos os torna cúmplices inseparáveis, fazendo com que Brasco se transforme em membro ativo e conhecedor do mundo criminoso da família. Pacino, com a usual habilidade facial e física, dá uma memorável humanidade ao seu personagem, além de generosamente contracenar com um esforçado e ainda jovem Johnny Depp.

O INFORMANTE (THE INSIDER)

EUA, 1999, 158 min, 14 anos

Direção: Michael Mann

Com Al Pacino, Russell Crowe, Christopher Plummer, Diane Venora

Depois de tentar entrevistar o ex-executivo da indústria do tabaco Jeffrey Wigand (Russell Crowe), o experiente produtor de TV Lowell Bergman (Al Pacino) suspeita de que existe uma razão por trás do silêncio de Wigand. Quando Bergman tenta convencer Wigand a contar os segredos que sabe sobre a indústria do tabaco, os dois precisam lidar com os tribunais e as corporações para expor a verdade. Baseado em fatos reais, o filme conta com a milimetria e estudo de causa típicos da direção de Michael Mann.

UM DOMINGO QUALQUER (ANY GIVEN SUNDAY)

EUA, 1999, 158 min, 18 anos

Direção: Oliver Stone

Com Al Pacino, Jamie Foxx, Cameron Diaz, Dennis Quaid

Técnico do lendário time de futebol americano Miami Sharks, o célebre Tony D’Amato (Al Pacino) passa por maus bocados, entre precisar soerguer o time que entrou numa fase de derrotas, ter seu melhor *quarterback* contundido – e por isso precisar contar com um reserva

extremamente prepotente, além de estar ele próprio numa crise. Adepto do espetáculo, Oliver Stone recorre a uma vasta trilha sonora e a imagens estilizadas dos jogos. Pacino faz mais um formidável personagem que luta contra a adversidade do mundo.

TUDO POR DINHEIRO (TWO FOR THE MONEY)

EUA, 2005, 122 min, 14 anos

Direção: D. J. Caruso

Com Al Pacino, Matthew McConaughey, Rene Russo, Armand Assante

Walter Abrams (Al Pacino) é um ex-viciado em apostas de resultados de jogos que ganha num instante, para perder tudo no passo seguinte. Ele então encontra sua mina de ouro quando conhece Brandon Lang (Matthew McConaughey), ex-atleta cujo conhecimento em esportes lhe dá uma ótima intuição sobre os placares. Pacino na sua usual atuação mercúria, em sintonia com o ritmo acelerado do filme.

MANGLEHORN (MANGLEHORN)

EUA, 2014, 98 min, 14 anos

Direção: David Gordon Green

Com Al Pacino, Holly Hunter, Harmony Korine, Chris Messina

A.J. Manglehorn (Al Pacino) é um chaveiro recluso e solitário do Texas que está

afastado do seu bem-sucedido filho Jacob (Chris Messina). Ele passa os dias cuidando do seu gato, buscando conforto no trabalho e escrevendo cartas para um amor há muito perdido. Uma das poucas alegrias de sua vida está nas visitas ao banco, quando pode se encontrar brevemente com a bondosa bancária Dawn (Holly Hunter). No entanto, quando tem a chance de transformar isso em algo real, ele vacila. Aqui, Pacino empresta seu talento junto a diretores do cinema independente americano, como Gordon Green e Harmony Korine, neste caso, atuando.

ERA UMA VEZ EM... HOLLYWOOD (ONCE UPON A TIME... IN HOLLYWOOD)

EUA, 2019, 162 min, 16 anos

Direção: Quentin Tarantino

Com Leonardo DiCaprio, Brad Pitt, Margot Robbie, Al Pacino

Em 1969, Rick Dalton (Leonardo DiCaprio) é um ator de TV em declínio que tenta voltar à vida de fama e sucesso em Hollywood ao lado de seu amigo e dublê, Cliff Booth (Brad Pitt). No processo, eles cruzam com muitas pessoas influentes da indústria cinematográfica, como o casal Sharon Tate e Roman Polanski, e acabam se envolvendo involuntariamente com o grupo de Charles Manson. Aos 79 anos, Al Pacino faz uma pontual porém marcante presença neste filme, que fala sobre a fabulação do cinema diante da realidade do mundo.





Patrocínio
Banco do Brasil

Realização
Centro Cultural
do Banco do Brasil

Empresa produtora
Fumaça Filmes

Curadoria
Paulo Santos Lima

**Produção Executiva e
produção de cópias**
Fábio Savino

Coordenação de produção
Anele Rodrigues

Produção Rio de Janeiro
Thais Amanda

Produção Brasília
Rafaella Rezende

Produção São Paulo
Renata DaCosta

Projeto gráfico
Bloco Gráfico

Vinheta
Juliane Westin

Acessibilidade
All Dubbing

Assessoria de imprensa
RJ – Claudia Oliveira | Khora
Comunicação e Produção
DF – Panorama Assessoria
SP –

Revisão de texto
Julya Tavares

CCBB-Rio de Janeiro
Rua Primeiro de Março, 66 –
Centro
{21} 3808-2020
ecbbrio@bb.com.br

Metrô: estação Carioca
ou estação Uruguaiana
Ônibus: consulte
[http://www.rioonibus.com/
servicos/terminais](http://www.rioonibus.com/servicos/terminais)

Funcionamento:
de quarta a segunda,
das 9 horas às 21 horas

Nos termos da Portaria 3.083,
de 25.09.2013, do Ministério
da Justiça, informamos que
o Alvará de Funcionamento
deste CCBB tem número
489095, de 03.01.2001, sem
vencimento.

CCBB-Brasília
SCES, Trecho 02
{61} 3108-7600

Funcionamento:
de terça a domingo,
das 9 horas às 21 horas

Licença de Funcionamento
nº 00340/2011. Validade
indeterminada. Portaria
3.083/25.09.2013,
Ministério da Justiça.

CCBB-São Paulo
SCES, Trecho 02
{61} 3108-7600

Funcionamento:
de terça a domingo,
das 9 horas às 21 horas

Nos termos da Portaria 3.083,
de 25.09.2013, do Ministério
da Justiça, informamos que
o Alvará de Funcionamento
deste CCBB tem número
489095, de 03.01.2001, sem
vencimento.

Produção

Realização



FUMAÇA
FILMES



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO